

Portugal tem dos trabalhadores mais insatisfeitos da Europa

É o país europeu onde os trabalhadores menos se sentem satisfeitos com o seu trabalho. Na União Europeia, 43,8% dizem-se muito satisfeitos, mas em Portugal a percentagem fica-se pelos 21,6%

Rafael Pereira Oliveira

Em 2021, mais de quatro milhões de pessoas revelaram que trabalhar em Portugal está longe de ser sinónimo de felicidade. Baixos salários, vínculos precários, carga horária excessiva, gestões autoritárias e estagnação profissional estão entre as principais justificações num mercado de trabalho onde poucos se sentem felizes.

Foi neste ano que mais de 197 milhões de trabalhadores na União Europeia foram entrevistados sobre o nível de satisfação laboral. Os dados reunidos pelo Eurostat mostram que 43,8% das pessoas estavam “muito satisfeitas” com a condição profissional.

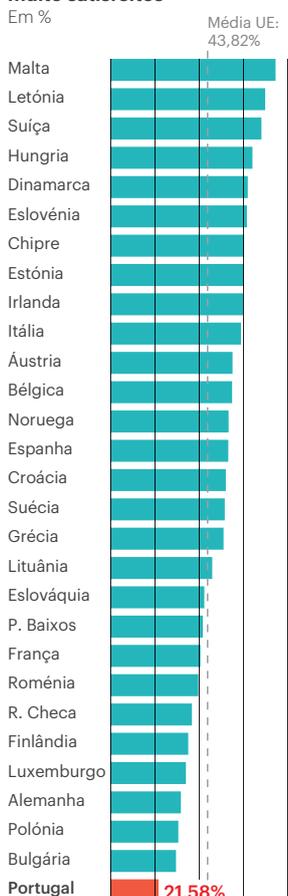
O indicador da alta satisfação assume diferentes pesos em cada um dos Estados-membros da UE, assim como na Noruega e na Suíça. Malta, Letónia e Suíça são os países onde se registam os valores mais elevados: mais de 65% dos entrevistados estavam “altamente satisfeitos” com o seu emprego. Em contraste com a média da Comunidade Europeia, Portugal tem menos de um quarto dos trabalhadores felizes com a sua profissão (21,6%). A maioria respondeu estar “mais ou menos satisfeita”, enquanto 10,6% das pessoas expressaram a sua insatisfação.

Esse valor mostra que Portugal é o país com a menor percentagem de trabalhadores muito satisfeitos comparativamente às restantes regiões. A vizinha Espanha, por exemplo, ultrapassa a média da UE: mais de metade dos entrevistados (54%) disse estar altamente satisfeita.

No indicador da insatisfação, o país volta a surgir nas piores posições. É o segundo da lista com a maior percentagem de trabalhadores insatisfeitos, tendo quase o dobro da média europeia (5,8%). É apenas superado pela Bulgária (11,8%). A Itália é o país com menor percentagem.

No ano em que os institutos nacionais de estatística de cada país realizaram o inquérito da satisfação em contexto profissional, o mundo laboral confrontava-se ainda com o “choque” da pandemia de covid-19. Mas, para Elisio Estanque, a insatisfação na região portuguesa “já era crescente desde a crise e o período da *troika*”. O investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra explica que a pandemia fez com que a insatisfação laboral se tenha “agravado significativamente”, uma vez

Portugal é o país com a menor percentagem de trabalhadores muito satisfeitos



Fonte: Eurostat

PÚBLICO

que “aumentou a precariedade e a instabilidade”.

Por seu lado, Ana Isabel Couto, investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, considera que há um assunto “imune” à questão pandémica e que é um “claro predictor” de um maior ou menor nível de satisfação: os baixos salários. Mas Portugal não é o país que paga os salários mais baixos da União Europeia. O problema, diz Ricardo Paes Mamede, reside também no poder de compra.



DIGCO BAPTISTA

Mais de 197 milhões de trabalhadores na UE foram entrevistados sobre o nível de satisfação laboral

“O país tem salários médios que estão na cauda da Europa e o poder aquisitivo é muito baixo. Há países que têm salários médios inferiores em termos nominais, mas os custos de vida também são menores”, esclarece o economista ao reconhecer os salários como “motivo crucial” para a satisfação profissional.

Um “mecanismo político” realçado no relatório da Organização Internacional do Trabalho (*Trabalho Digno em Portugal 2008-2018: Da crise à recuperação*) é o do salário mínimo. Define um “padrão” salarial no país, e Gabriel Leite Mota considera a sua subida como “positiva”. Mas, novamente, há um problema. Existem “muitas pessoas a receber o salário mínimo ou pouco acima disso”, alerta o professor de Economia no Instituto Superior de Serviço Social do Porto (ISSSP).

Ainda que reconheça a importância dos salários, o presidente da Associação Empresarial de Portugal observa o cenário noutro sentido. “Importa realçar o salário líquido. Isto é, após dedução da carga fiscal, que, como bem sabemos, é relativamente elevada em Portugal. Isso tem implicações negativas na atracção e retenção de talento e, certamente, reflecte-se no menor grau de

satisfação no trabalho”, afirma Luís Miguel Ribeiro.

Horas a mais e chefias

Mas há mais explicações que podem ajudar a entender esta baixa satisfação dos portugueses perante o trabalho, como os vínculos laborais. “São determinantes. Se uma empresa oferece vínculos precários, não se pode exigir à pessoa que esteja feliz no seu trabalho. Essa condição reforça o sentimento de insatisfação profissional”, avança a investigadora Ana Isabel Couto.

No entanto, para compreender o que afecta a generalidade dos trabalhadores, o economista Ricardo Paes Mamede vê outros “potenciais factores explicativos”, como o “número muito elevado de horas trabalhadas” e a qualidade da gestão.

“Uma das dimensões que os estudos internacionais referem, no caso português, é o enorme défice de competência de gestão de pessoas. Há uma grande incapacidade de ver as organizações como um conjunto de pessoas, em que o bem-estar deve ser respeitado”, sublinha o professor do ISCTE, que diz ver uma “tendência muito expressiva” de gestão em moldes “autoritários e funcionalistas”. Ao ter em conta os resultados do inquérito, Luís Miguel Ribeiro defen-

de a necessidade de uma “firme aposta” na valorização do capital humano como “activo estratégico das organizações”.

Por outro lado, os dados reunidos pelo Eurostat “não são uma surpresa” para a União Geral dos Trabalhadores (UGT). “Temos vindo a alertar para este desencantamento que os trabalhadores portugueses vêm demonstrando e que nos têm reportado”, explica a secretária executiva da central sindical, Vanda Cruz.

É o “desencantamento” é evidente nos profissionais com licenciaturas, mestrados ou doutoramentos. São os que menos expressam estar muito satisfeitos em comparação com outros países. Em mais de um milhão e meio de trabalhadores que seguiram os estudos após o ensino secundário, apenas 367 mil (23,8%) responderam nesse sentido. É um valor que contrasta em 57,4 pontos percentuais face à Hungria, onde a maioria dos empregados qualificados (81,2%) respondeu estar “muito satisfeita”.

Ao analisar quem assinalou estar pouco satisfeito com a condição profissional, as mulheres empregadas colocam Portugal nos lugares cimeiros. O país fica apenas atrás da Bulgária (12,1%). **Texto editado por Ivo Neto**